

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*)

---

BARTHES (Roland). — *Mitologias*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1972.

Os textos de *Mitologias*, escritos entre 1954 e 1956, foram publicados em Paris, 1957, por *Éditions du Seuil*.

O prefácio para a edição brasileira foi escrito por Barthes em 1970. Nele, declara-se o objetivo da obra: “uma crítica ideológica da linguagem dita da cultura de massa” e “uma primeira desmontagem semiológica desta linguagem” para que fosse possível “revelar em detalhe a mistificação que transforma a cultura pequeno-burguesa em natureza universal”.

O trabalho está dividido em duas unidades básicas. Numa primeira, a que foi dado o título de *Mitologias*, estão reunidos vários textos relacionados aos mitos de nossa sociedade, e onde se pretende uma rápida análise de seu significado e de sua estruturação. Assim, são comentados o mundo do *catch*, saponáceos e detergentes, um escritor em férias, o bife com batatas fritas, o operário simpático, marcianos, o *strip-tease*, o plástico, a astrologia e até mesmo a arte vocal burguesa. A segunda unidade, *O Mito, Hoje*, compõe-se de formulações teóricas que fundamentam a unidade primeira e, ao mesmo tempo, abrem discussões e métodos para que o material mitológico seja satisfatoriamente compreendido, analisado e interpretado.

O livro não foi, para esta edição, corrigido ou modificado. Isto porque o Autor considerou impossível que a obra, hoje, pudesse ser executada da mesma forma, na medida que a crítica ideológica sutizou-se e a análise semiológica, então inaugurada, foi desenvolvida, precisada, dividida. “Não poderia, portanto, escrever novas mitologias na sua forma passada (aqui presente)”.

O mito como linguagem, como sistema de comunicação, como uma mensagem, constitui a proposição básica da obra. Assim: “o mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais”.

A mitologia é tratada como um fragmento da vasta ciência dos signos, postulada por Saussure sob o nome de Semiologia; ciência das formas, na medida que estuda as significações independentemente de seu conteúdo. À crítica de que este estudo seria excessivamente restrito, Barthes responde afirmando que “o estudo específico das formas não contradiz nada os princípios neces-

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica. (*Nota da Redação*).

sários da totalidade da História. Antes pelo contrário: quanto mais um sistema é especificamente definido em suas formas, tanto mais é docil à crítica histórica”.

Dessa forma é estabelecido o quadro em que se coloca a mitologia: pertence simultaneamente à semiologia e à ideologia, como ciência formal e como ciência histórica.

Barthes analisa o mito como sistema semiológico na medida que se forma a partir de matéria prima já constituída, de uma cadeia semiológica que já existe antes dele. Ao mesmo tempo, esta linguagem não permanece a mesma. O mito é considerado como linguagem roubada, pois utilizando-se da idéia básica formada anteriormente, deforma-a de acordo com as suas intenções específicas, dadas pelo momento histórico.

Algumas considerações são feitas sobre a elaboração de mitos na esquerda e na direita.

Fundamental é a posição do Autor diante do estudo da mitologia. Suas próprias palavras: “tomando como ponto de partida permanente, a constatação de que o homem da sociedade burguesa se encontra a cada instante, imerso numa falsa natureza, a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm função camuflar. Esse desvendar de uma alienação é, portanto um ato político...”.

Os estudos feitos depois deste trabalho, evidentemente enriqueceram e desenvolveram muito a mitologia. O próprio autor reconheceu que não poderia escrevê-lo novamente, da mesma forma. Entretanto, o conhecimento desta obra é importante, na medida que ela representa o início de uma série de estudos, que inaugura novos métodos de trabalho que tornaram-se extremamente úteis para o estudo de ideologias.

CÉLIA CAMARGO DE SIMONE

\*

\* \*

MARTINS (Mário). — *Estudos de Cultura Medieval*. Volume II. Braga. Edições Magnificat, 1972.

Já vai longe o tempo em que, Michelet à frente, os historiadores retratavam a Idade Média como “a grande noite de dez séculos”. Foi precisamente para dar o golpe de misericórdia nos últimos recalcitrantes que Régine Pernoud escreveu, em 1945, valendo-lhe o *Prix Fémina de critique et d'histoire*, sua obra, hoje clássica, *Lumière du Moyen Age*.

No capítulo dedicado às letras naquela época, diz a Conservadora dos *Archives Nationales*: